

Só mais dívidas para o Brasil. Opinião de especialistas.

Os riscos de uma grave depressão mundial não serão afastados nem pela queda dos juros nem pelos expedientes de emergência, mesmo a nível internacional, postos em prática para equacionar a curto prazo o problema financeiro dos grandes países devedores. Essa é a opinião do professor André Lara Resende, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Segundo Lara Resende, medidas de emergência que impliquem aumento generalizado do endividamento de curto prazo agravam o grau de vulnerabilidade do sistema financeiro internacional e terminarão, fatalmente, por provocar o seu colapso definitivo.

Em artigo que será publicado em livro, juntamente com outros professores do Departamento de Economia da PUC, intitulado **Divida Externa, Recessão, e Ajuste Estrutural: O Brasil Diante da Crise**, Lara Resende afirma que somente a ação coordenada em nível internacional de políticas voltadas para promover a recuperação imediata do nível do comércio mundial, acompanhada de medidas institucionais capazes de criar novas fontes de financiamento a longo prazo para os países endividados, poderá evitar a sucessão de novas moratórias que acarretarão o colapso definitivo do sistema financeiro internacional. Nesse caso, uma depressão profunda e prolongada fatalmente se seguirá.

Dentro desse cenário, destaca o professor da PUC que o grau de

liberdade da política econômica brasileira é hoje efetivamente muito limitado. Reconhecer que houve com a moratória mexicana uma ruptura nas condições prevalentes no mercado internacional de crédito e não uma mera redução dos volumes de crédito disponíveis é, entretanto, a primeira condição para evitar que se adote uma política econômica cuja consequência é contribuir para elevar os custos que o conturbado cenário internacional irá inevitavelmente nos impor, afirma.

Para Lara Resende, nenhuma demonstração de austeridade ou mesmo de auto-imolação poderá restabelecer o fluxo de empréstimos externos de longo prazo. Nestas circunstâncias, não se deve pretender contrair a economia mais rapidamente que o restante do mundo.

Lembra ainda o economista que, assim como os sistemas financeiros têm um limite de ruptura e descontinuidade, também existe um limite para a possibilidade de compressão. Uma economia não é capaz de encolher-se com a velocidade que se projeta para 1983, sem romper-se e desarticular-se, comprometendo simultaneamente a sua capacidade de funcionamento mais autárquico — no caso de um colapso definitivo do comércio mundial — e a sua capacidade de recuperação no futuro, no caso de uma conscientização internacional que possibilite a retomada do crescimento do comércio.